

EDITORIAL

Das Doenças Humanas por Priões à COVID-19: 20 Anos de Sinapse

From Human Diseases due to Prions to COVID-19: 20 Years of Sinapse

 José Barros ^{1,2}

1-Centro Hospitalar Universitário do Porto, Porto, Portugal

2-Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto, Porto, Portugal

DOI: <https://doi.org/10.46531/sinapse/ED/210020>

Informações/Informations:

Editorial, publicado em Sinapse, Volume 21, Número 1, janeiro-março 2021. Versão eletrónica em www.sinapse.pt Editorial, published in Sinapse, Volume 21, Number 1, January-March 2021. Electronic version in www.sinapse.pt

© Autor (es) (ou seu (s) empregador (es)) e Sinapse 2021. Reutilização permitida de acordo com CC BY-NC. Nenhuma reutilização comercial.
© Author(s) (or their employer(s)) and Sinapse 2021. Re-use permitted under CC BY-NC. No commercial re-use.

*Autor Correspondente / Corresponding Author:

José Barros
Departamento de Neurociências
Hospital de Santo António
Centro Hospitalar Universitário do Porto
Largo do Prof. Abel Salazar
4099-001 Porto, Portugal
jb.neuro@chporto.min-saude.pt

Recebido / Received: 2021-04-10

Aceite / Accepted: 2021-04-10

Publicado / Published: 2021-04-16

A Sinapse é o nosso património mais robusto, documentando o desenvolvimento da Neurologia portuguesa no século XXI, bem como a sua integração com outros saberes. Os 20 volumes, com uma numeração coincidente curiosamente com os anos civis, são compostos por 44 números e 16 suplementos. Este acervo permite-nos ver os adventos de doenças, tecnologias, terapêuticas, conceitos, doutrinas, esperanças e modas, seguidos de consolidação ou de desvanecimento. Em 20 anos testemunhamos as últimas contribuições públicas de personalidades da nossa história comum, o aparecimento de muitos jovens, a maturação de tanta gente. A Sinapse está livremente disponível nas nossas estantes, mas também na Internet, permitindo investigar, tirar teimas, desenhar fitas de tempo.



V1N1



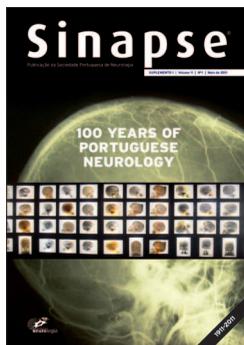
V5N1



V6N1SPL1



V10N2



V11N1SPL1



V12N1



V19N3-4



V20N2

2001 a 2007: fundação, legalização, indexação e história

A Sinapse foi uma criação de José Pereira Monteiro, pensada como pedra angular de uma nova era de empatia e comunicação na Sociedade Portuguesa de Neurologia (SPN).

A submissão de resumos por correio eletrónico provocou alguma estupefação inicial, mas as

remessas teimosas de disquetes e papéis impressos acabaram por cessar. O número zero foi publicado em março de 2001, composto pelos resumos da Reunião da Primavera, estruturados e revistos entre pares. As expressões “indexação”, “edição bilingue”, “comunidade de língua portuguesa” e “internacionalização” surgiram logo, tornando-se recorrentes em 20 anos de editoriais, ombreando como os apelos dos diretores à submissão de artigos originais e ao empenho de todos nós. O número zero incorporou os princípios gerais, normas de candidatura, regras de elaboração e processos de avaliação e edição, que viriam a ter uma notável longevidade.

O número 1 traduziu uma preocupação científica e política da época: a alegada associação da nova variante da doença de Creutzfeldt-Jakob e a *bovine spongiform encephalopathy* – BSE (doença das vacas loucas). José Pimentel tratou dos critérios de diagnóstico das doenças humanas por priões e apelou à notificação; Manuela Grazina apresentou a proteína 14.3.3. Paula Coutinho converteu em artigo uma palestra sobre Corino de Andrade (1906-2005), uma prática mantida em números seguintes, na sequência de homenagens a João Alfredo Lobo Antunes (1915-2004), José Keating (1930-2016), João Resende (1913-2004), João Palmeiro, Orlando Leitão (1931-2014), Maria de Lourdes Sales Luís e José Castro Lopes, em palestras e artigos de Alexandre Castro Caldas, João Palmeiro, Luís de Carvalho (1933-2016), José Grilo Gonçalves, Pedro Cabral, Mamede de Carvalho e José Pereira Monteiro.

O registo da marca, as obtenções de *International Standard Serial Number* (ISSN) e de número de depósito legal na Biblioteca Nacional datam de 2002, bem como a admissão no Índice das Revistas Médias Portuguesas. Foram publicados os primeiros artigos, sujeitos a um processo de avaliação, revisão e aperfeiçoamento, entre pares, com duplo anonimato. A afinação dos regulamentos gerou diversos artigos, escritos a partir das apresentações candidatas aos prémios da SPN. As candidaturas diretas, em português ou em inglês, apareceram em 2003. A Sinapse passou a ser órgão oficial da Liga Portuguesa Contra a Epilepsia e da Sociedade Portuguesa de Cefaleias no ano seguinte.

António Freire Gonçalves, presidente da SPN em 2005, separou poderes e concedeu independência ao coordenador editorial. Em editorial desse ano, alertou-se para a fragmentação da Neurologia, dispersa em 15 organizações, com iniciativas efémeras, sem legado, mas que a Sinapse começava a congregar. A Sociedade Portuguesa de Estudos de Doenças Neuromusculares e a Sociedade Portuguesa de Neuropatologia aderiram à revista, que publicou também os resumos do 1º Congresso Português do AVC e do Grupo de Estudos de Esclerose Múltipla. Ainda nesse ano, discutiram-se as patologias das autorias de artigos e alertou-se para a figura de “White Bull”, o abusador sofisticado.

Em 2006, a Sinapse foi indexada nas bases da Elsevier™ (*EMBASE/Excerpta Medica Database, EMBASE.com e SCOPUS*). A candidatura à *Medline*™ foi aceite para avaliação, mas não conseguiu a pontuação necessária.

A pretexto do centenário do nascimento de Corino de Andrade e o cinquentenário da morte de Egas Moniz (1874-1955), um editorial dedicou-se aos encontros e desencontros das suas vidas. Nesse ano, publicamos um suplemento atípico sobre o centenário de Corino de Andrade, que editamos com Mamede de Carvalho e Luís Negrão, incluindo uma fotobiografia e uma coletânea de 24 artigos originais sobre a polineuropatia amiloidótica familiar. No número seguinte, convidamos Alexandre de Mendonça, um dos mais generosos colaboradores da revista, a escrever o editorial, que versou a doença de Alzheimer.

No balanço de 7 anos, defendemos um novo ciclo editorial, científico e estético. Esta fase fechou com a coletânea “Momento da História”, uma republicação de 23 artigos, que coordenamos com Francisco Pinto e António Freire Gonçalves.

2008 a 2010: melhoria continuada

Alexandre de Mendonça foi nomeado para novo diretor, na sequência da eleição de Isabel Pavão Martins para presidente. Analisou o septénio, concluiu que a Sinapse adquirira uma razão, vocacionada para artigos de relevância nacional. Surgiu uma secção sobre “Neurologia e Literatura”. No número seguinte destacou-se a importância da criação de centros de investigação clínica na pesquisa biomédica e nos cuidados de saúde. Ilustrando a reunião das sociedades de Neurologia e Neurocirurgia, em 2009, a Sinapse publicou sobre a história destas áreas do conhecimento, com destaque para um artigo extraordinário de Francisco Pinto. A revista passou a integrar neurocirurgias no Conselho Editorial. Foi publicado “Management of Stroke”, a partir da conferência de José Ferro à “European Neurological Society”, a que presidiu. Em maio de 2010, mereceram destaque editorial a história da trombose venosa cerebral e um conto de Irving Wallace associado à leucotomia pré-frontal. No último editorial, Alexandre de Mendonça destacou as novas secções criadas e deu conta de uma nova recusa da *Medline*™, apontando uma razão: os neurologistas com investigação de alto nível não publicavam na Sinapse. Concluiu que “a Sinapse será o que todos houvermos por melhor”.

Segunda década: diversidade, coerência, modernização e profissionalização

Vítor Oliveira, eleito em 2010, convidou para diretora Catarina Resende de Oliveira, uma personalidade de prestígio e de grandes responsabilidades. Aliás, o convite seria repetido por Manuel Correia e Isabel Luzeiro. A década começou com a adesão de mais associações, que atualmente já são treze.

Vítor Oliveira organizou em 2011 a coletânea “100 Years of Portuguese Neurology”, em inglês, dividida entre o passado e presente (figuras), e o presente com olhares ao futuro (instituições).

Os editoriais de Catarina Resende de Oliveira deram ênfase a descobertas recentes em neurociências, às suas repercussões na assistência, na prática clínica e na ética médica. No primeiro texto priorizou o diálogo entre a investigação fundamental e a neurologia clínica, apelando à escolha da Sinapse para publicar. Em 2012 escreveu sobre o advento da medicina de precisão, a caminho da melhor qualidade dos cuidados, mesmo com riscos eventuais para a arte clássica da profissão; partindo da fisiologia do riso, questionou-nos sobre a capacidade de rir ou sorrir perante os abalos ao sistema de saúde. Em 2013, escreveu-nos sobre epigenética, farmacogenómica e terapêutica personalizada. A propósito do Nobel para descobertas no tráfego de vesículas transportadoras de neurotransmissores e hormonas, e da precisão da sua libertação extracelular, anteviu a melhor compreensão do funcionamento neuronal e a capacidade de reestabelecer o equilíbrio na doença. No volume de 2014 debateu o papel do sono nas memórias, na homeostasia e plasticidade sinápticas e anteviu os mecanismos subjacentes à orientação no espaço, a partir da descrição do circuito entre o córtex endorrinal e o hipocampo do rato, com implicações na doença de Alzheimer. Apresentou com entusiasmo a resolução do Conselho de Ministros de 2015 sobre a promoção integrada da investigação, visando a criação de uma geração de investigadores médicos, defendendo a dotação de tempo e a valorização curricular. Em 2015, a partir do conceito de conectoma cerebral, confrontou-nos como o fascínio da tecnologia e a apreensão sobre a ética na utilização de dados humanos sensíveis; a preocupação foi retomada em 2016, a propósito da construção do atlas semântico de Berkeley e na construção de interfaces entre o córtex motor e níveis distais a uma lesão medular, evocando a dimensão ética de João Lobo Antunes (1944-2016), recentemente falecido.

Manuel Correia, em 2017, num número sem artigos, escreveu sobre as dificuldades em manter a revista atrativa e inovadora, assumindo o momento para uma mudança dependente da vontade, passando a escrever-se exclusivamente a inglês, o que não viria a acontecer. A estrutura e a nomenclatura editoriais foram revistas. O tema da indexação foi retomado por Catarina Resende de Oliveira, sendo abordada a dicotomia entre o papel pedagógico da escrita e a divulgação que leva os artigos a serem citados. Defendeu a criação de uma cultura de revisão e edição proactiva e rigorosa. Previu-se um novo ciclo. Os editoriais do volume 18 foram de autoria conjunta. Foi criada uma plataforma de submissão, revisão e edição; os resumos passaram a edição eletrónica; foi criada a mesa-redonda “Sinapse Neurociências” e o “Prémio Sinapse SPN”; apelou-se à criatividade. No número 2, o editorial dedicou-se à inteligência artificial, à longevidade e à personalização dos cuidados, desejando-se os benefícios da prática virtual em dimensão humana reforçada.

Em 2019, António Martins da Silva escreveu sobre Fernando Lopes da Silva (1935-2019), com ênfase no seu trabalho em modelos de investigação inovadores, na organização científica e na intervenção social. Manuel Correia e João Massano escreveram que revista que soube “modernizar-se, transformar-se, repensar-se e reorganizar-se”, passando a incluir uma componente profissional, com a incorporação de uma editora técnica e de uma assistente editorial. Foi lembrada a necessidade de alargar a indexação de 2006.

Em 2020, os editoriais foram redigidos por convidados: misto de reportagem e de artigo de revisão sobre doenças do movimento autoimunes em crianças; ficção sobre a pandemia; discussão sobre a iminência da molecularização da medicina transformar doenças clássicas em meras síndromes. Publicaram-se quatro números, apesar da pandemia COVID-19. O número de submissões aumentou e consolidaram-se as condições *sine qua non* para alavancar a Sinapse a uma nova órbita: CrossRef, identificações por DOI (*digital object identifier*) e ORCID (*Open Research and Contributor ID*), publicação digital imediata dos artigos. Aposta-se agora mais nos revisores, nos editores e no processo de revisão. Provavelmente bem.

A forma

A capa original da Sinapse foi dominada por variações sobre o logotipo da SPN, a lilás e amarelo, com a sobreposição de títulos e autores. Os textos eram impressos a lilás. Entre 2005 e 2007, a capa passou incorporar uma fotografia de culto, a preto e branco, começando com “Retrato de mulher passeando pela mata da Serra do Buçaco” de Aurélio Paz dos Reis (1862-1931). Em 2008, os textos passaram a preto. A capa e diversos separadores foram dominados por fotografias contemporâneas da autoria Luís Pavão, com ênfase na natureza e no património edificado. No volume 10, os irmãos Isabel e Luís Pavão, escreveram “Imagens para cérebro”, sobre a sua cumplicidade na ilustração. De 2013 a 2017, a capa passou a incluir fotografias de Vítor Oliveira ou composições gráficas de Isabel Pereira Monteiro. A partir de 2018 as imagens de ressonância magnética ou histologias de artigos foram replicadas na capa. Isabel Pereira Monteiro assumiu a harmonização estética e gráfica da Sinapse, ao longo de 20 anos, tratando com criatividade e bom gosto os pedidos, e mesmo alguns caprichos, de presidentes, diretores, editores e autores.

Do passado ao futuro

A Sinapse tem sido uma “casa comum”, agregando o trabalho de dezenas de neurologistas, de outros especialistas e de centenas de internos. “Sinapse” é uma palavra muito prevalente nos relatórios e nos currículos de muitos de nós; a sua marca na formação é indelével. Temos cada vez mais neurologistas, mais bem preparados e com cultura científica; seria muito bom se a revista atraísse os seus trabalhos de alto nível. No entanto, se a continuar como um “ginásio de treinos”, mantendo-se a indexação na *Medline*[™] como a nossa mais estimável quimera, também não estará mal. Nos últimos 20 anos, os neurologistas e neurocientistas portugueses apresentaram mais e melhores trabalhos do que em todo o século XX, quaisquer que sejam os parâmetros e as métricas, mas provavelmente tudo isto será ultrapassado depressa, em quantidade, diversidade e notoriedade. Que bom. ■

Responsabilidades Éticas

Conflitos de Interesse: Os autores declaram não possuir conflitos de interesse.

Suporte Financeiro: O presente trabalho não foi suportado por nenhum subsídio o bolsa ou bolsa.

Proveniência e Revisão por Pares: Comissionado; sem revisão externa por pares.

Ethical Disclosures

Conflicts of interest: The authors have no conflicts of interest to declare.

Financial Support: This work has not received any contribution grant or scholarship.

Provenance and Peer Review: Commissioned; without external peer review.

Sinapse SPN-Sinapse:

2001-2004 | Presidente: J. Pereira Monteiro; Diretor: José Pereira Monteiro; Diretor-adjunto: José Barros

2005-2007 | Presidente: António Freire Gonçalves; Diretor: José Barros

2008-2010 | Presidente: Isabel Pavão Martins; Diretor: Alexandre de Mendonça

2011-2016 | Presidente: Vítor Oliveira; Diretor: Catarina Resende de Oliveira

2017-2019 | Presidente: Manuel Correia; Diretor/ Editor-chefe: Catarina Resende de Oliveira; Editor técnico: Helena Donato (2019)

2020-2021 | Presidente: Isabel Luzeiro; Editor-chefe: Catarina Resende de Oliveira; Editor técnico: Helena Donato